



## Uma escuta psicanalítica das *vidas secas*.<sup>1</sup>

Miriam Debieux Rosa<sup>2</sup>.

### Resumo:

A desproteção decorrente da transgressão de normas elementares, dos diversos abusos e da corrupção, sugere, nesta etapa avançada da modernidade, a ruptura dos fundamentos do contrato social e a irrupção do *traumático*, tomado aqui como a desorganização subjetiva decorrente da emergência daquilo que está fora do sentido e da significação. A perda de um discurso de pertinência e de atribuição de um lugar social, a falta de gratificação narcísica aliada à exclusão dos ideais e valores do grupo promovem um rompimento dos laços sociais e efeitos disruptivos na subjetividade. Com o objetivo de apontar algumas conseqüências da pobreza extrema e da exclusão social nos sujeitos do modelo econômico neoliberal, particularmente nos jovens da periferia de um grande centro urbano como São Paulo, este trabalho parte da constatação de uma resistência à escuta desses sujeitos, indicando nesse ponto a apatia, a solidão e o emudecimento, assim como a reprodução, na subjetividade, da violência e da pobreza afetiva e intelectual, como encobridoras da possibilidade de elaboração simbólica que poderia dar forma sintomática ao que é vivido como traumático. Aponta, ainda, a possibilidade da escuta desse sujeito emudecido ante a exclusão.

Nesta etapa avançada da modernidade, observa-se, junto com avanços tecnológicos, uma organização social que convive com a transgressão de normas elementares, abusos e corrupção generalizados, assim como a promoção, para muitos, da exclusão do acesso aos bens e aos modos de gozo próprios do modelo econômico neoliberal. Parece estar havendo a quebra dos fundamentos do contrato social, com conseqüente desproteção de uma parcela da população e, por vezes, total *desamparo social*, impedindo seu acesso efetivo aos recursos institucionais organizadores da vida social (saúde, educação, moradia, trabalho, segurança, etc.). Além do desamparo social, chamo também a atenção para o que Pierre Bourdier<sup>3</sup> descreve como *violência simbólica*, que perpetua e submete os sujeitos ao discurso social dominante, promovendo sua adesão aos fundamentos da organização social

---

<sup>1</sup> Parte deste trabalho foi publicado na Revista de Psicanálise TEXTURA, n 2, ano 2002, com o título Uma escuta psicanalítica das *vidas secas*.

<sup>2</sup> Coordenadora do Laboratório *Psicanálise e Sociedade* do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: [debieux@mt2net.com.br](mailto:debieux@mt2net.com.br)



que lhes atribui lugares marginais. Adesão seguida de conformismo e/ou irrupções de violência.

Afirma Mário Pujó<sup>4</sup>, que o modelo econômico neoliberal gera uma sensação de desproteção aliada a um crescente *desamparo discursivo*, caracterizado pela fragilização das estruturas discursivas que suportam o vínculo social, no que rege a circulação dos valores, ideais, tradições de uma cultura e resguardam o sujeito do real. Dizendo de outro modo, atualmente o ideário iluminista igualitário e libertário mascara as regras e valores do modelo neoliberal, pautado pela lógica do mercado e pelo privilégio do capital.

Este jogo discursivo expõe o sujeito ao risco de confrontação com o traumático - aquilo que está fora de sentido. A exposição traumática é dupla: por um lado, sua ocorrência é facilitada; por outro lado, os recursos necessários à elaboração do trauma encontram-se diminuídos, promovendo efeitos de desobjetivação. É o caso, por exemplo, do que ocorre com os “meninos de rua”, assim chamados por não possuírem a proteção do discurso familiar. Dentre os diversos aspectos que os caracterizam, esses meninos têm em comum o fato de terem de contar com o próprio discurso para sobreviver no espaço da rua. Ou seja, aliam-se aos inúmeros tipos de desamparo a falta de atribuição de um lugar no ideal social e a perda de um discurso de pertinência para esses meninos<sup>5</sup>.

Refletir sobre essas pessoas, que padecem de um desamparo social e também discursivo, contribui para a elucidação dos chamados processos de exclusão social. As questões que levanto neste trabalho não dizem respeito à elaboração de novas teorias, mas à construção de uma escuta clínica que leve em conta a especificidade de tais pessoas e situações, e que trabalhe a necessidade de uma qualificação que habilite psicólogos e psicanalistas a detectarem as sutis malhas da dominação e a não confundirem seus efeitos com o que é próprio do sujeito. Acredito que são justamente as vicissitudes da escuta

<sup>3</sup> Para conhecer o conceito: Cf. Bourdieu, Pierre. “Fundamentos de uma teoria da violência simbólica”. In *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

<sup>4</sup> Pujó, Mário (2000) “Trauma e desamparo”. In *Clínica do Desamparo*. Buenos Aires: Revista Psicoanálisis y el hospital, vol. 17, p.29. (este texto norteia-se também por outros textos do mesmo volume, inteiramente dedicado à temática em discussão).

<sup>5</sup> Rosa, M. Debieux. “O discurso e o laço social nos meninos de rua”. In *Revista Psicologia USP*, volume 10,

# Textura



psicanalítica que permitem refletir sobre alguns dos efeitos subjetivos e intersubjetivos da pobreza extrema e da exclusão social, situação em que se encontra expressiva parcela da população brasileira. Exclusão que, como aponta Bader Sawaia, guarda dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas, envolvendo por inteiro o homem e suas relações com os outros e é parte constitutiva da inclusão. Assim, o processo de exclusão “não tem uma única forma, não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema”<sup>6</sup>. A escuta desses sujeitos pode tanto lhes propiciar dar andamento à articulação significativa, rompendo com identificações imaginárias, como contribuir para elucidar alguns dos efeitos subjetivos do “bom” funcionamento do sistema.

As dificuldades da escuta psicanalítica nas instituições são conhecidas. Silvia Bolguese<sup>7</sup> analisou propostas institucionais que tomam a psicanálise como referência, e constatou que as atuais práticas ambulatoriais sustentam-se em modelos adaptativos e cronificadores, distorcendo a proposta psicanalítica. A autora discute a necessidade de criar soluções capazes de denunciar o obscurantismo, antiga e poderosa arma dos sistemas que visam a perpetuar a dominação. Também Benilton Bezerra aponta o impressionante poder de regeneração da cultura e prática manicomial, mesmo em ambientes que têm o objetivo explícito de superá-las, mostrando como as inovações criativas facilmente se degeneram em técnicas a serem aplicadas de modo padronizado, as práticas se burocratizam, os papéis se cristalizam e as teorias se tornam fetichizadas. Bezerra reitera que a clínica é ensaio, experimentação, lugar da reinvenção, da renovação da escuta e do olhar. Uma condição para sustentar esse lugar é, segundo o autor, a busca pela superação das dicotomias indivíduo e sociedade, psíquico e social, mental e físico, clínica e política, terapia e administração. Nessa perspectiva, afirma que “toda clínica é social e toda política diz respeito à vida subjetiva de cada indivíduo. A singularidade [...] só pode surgir e ser

---

n.2, 1999.

<sup>6</sup> Sawaia, Bader. “Introdução: exclusão ou inclusão perversa?” In Sawaia, B. (org.). *As artimanhas da exclusão*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 9, 1999.

<sup>7</sup> Bolguese, Silvia. *O progresso da Psicanálise: os limites da Clínica*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC-SP, 1999.



experimentada no campo das relações com os demais sujeitos, no campo de suas relações sociais. Estas, por sua vez, só ganham significação, só se reproduzem ou se modificam pela apreensão que os sujeitos fazem delas”<sup>8</sup>.

Cabe-nos resgatar a radicalidade da proposta psicanalítica e ressaltar o caráter ético e político dessa escuta, contribuição da clínica que pode se estender às demais situações, dentro das quais se pretende elucidar aspectos referentes ao sujeito sob desamparo social e discursivo e aos processos de sua manutenção em tal condição, que promovem impasses nas propostas de políticas de intervenção.

## EFEITOS DA EXCLUSÃO SOCIAL

Para esta discussão, convoco Renato, Adalvan, Zeca, Waldemar, Tiago... Dela fazem parte, ainda, a minha história, assim como a dos alunos sob minha orientação em pesquisas e a dos sob minha supervisão na Clínica Psicológica da USP e da PUC-SP, já que a escuta psicanalítica ocorre na transferência, que envolve tanto o sujeito como o psicanalista.

Falo, em primeiro lugar, do que emerge nesse campo intersubjetivo conceituado como campo transferencial. A *escuta clínica* implica que o analista suporte a transferência, ou seja, ocupe o lugar de suposto-saber sobre o sujeito - uma estratégia para que o sujeito, supondo que fala para quem sabe sobre ele, fale e possa escutar-se e apropriar-se de seu discurso. Esse campo permite uma relação que estrutura a produção do saber do sujeito, desde que o psicanalista renuncie ao domínio da situação e, pontuando e interpretando, possibilite a produção de efeitos de significação no sujeito: sujeito do desejo, engendrado pela cultura, mas que, em sua condição de dividido, pode transcender ao lugar em que é colocado e apontar na direção de seu desejo.

Trato aqui de uma faceta dessa relação transferencial : a da resistência que paralisa a escuta clínica, e a de algumas estratégias para fazer deslizar o discurso, para produzir novas

---

<sup>8</sup> Bezerra, Benilton. “Prefácio: Tecendo a rede”. In *Tecendo a rede: trajetórias da saúde mental em São*

# Textura



articulações que permitam a escuta do sujeito e façam valer a ética da psicanálise. O tema é, portanto, o impasse da resistência do analista com uma ética do sujeito; seu confronto com ela. Resistência e transferência são facetas do mesmo fenômeno. Em Freud, a resistência é egóica e ocorre quando o paciente está próximo de elucidar alguns de seus conflitos centrais. Nesse momento, cessam as associações livres e o paciente centra sua atenção na relação com o analista. Lacan aborda outro aspecto da resistência, a do analista, e não a do paciente, ou seja, os entraves que estão na escuta e não no sujeito que fala.

É este último aspecto que vou salientar nesta discussão, em que vou radicalizar os termos, para destacar o jogo imaginário e simbólico que se interpõe na escuta dessas pessoas, que vivem sob desamparo social e discursivo. Assim, nesses casos, a situação inicial caracteriza-se pelo fato de que, na relação analista-analisando, os sujeitos ocupam lugares opostos na estrutura social: a inclusão e a exclusão, frente a frente. Um porta vários dos emblemas que possibilitam posições fálicas, sabe e domina os instrumentos da pertinência – o psicanalista é designado nessa função por ser, na estrutura social, o representante de um certo saber que lhe confere um lugar de escuta e fala. O outro, o paciente está, digamos, fora do acesso a essas posições, o que freqüentemente toma o peso imaginário de estar fora, excluído da estrutura social. Além disso, o que caracteriza tal trabalho é que ele se opera na vigência de situações de risco social ou mesmo risco de vida; opera-se nas urgências de intervenção, na concretude e amplitude daquilo que falta e na grande quantidade de pessoas que precisam de assistência.

A resistência à escuta do discurso de tais pessoas manifesta-se, do lado do psicanalista, sob vários efeitos. Um deles é o de ficar exclusivamente sob o peso da situação social. A complexidade da situação social dificulta a relação intersubjetiva necessária ao atendimento clínico. Nota-se mais ação do que postura de descoberta; indicação de trabalhos rápidos e de grupo sem suporte teórico ou técnico que sustente a indicação. Nos atendimentos, ressaltamos o risco dos diagnósticos e encaminhamentos apressados, a partir de uma comunicação deficiente e descrições superficiais, com o uso

# Textura

inadequado da teoria e da técnica psicanalítica. Por exemplo, toma-se o dito apenas no seu enunciado explícito, tendo dificultada a interpretação: o dinheiro é apenas dinheiro e não a representação de algo que falta. A comunicação deficiente dá margem a estereótipos e preconceitos; a diferença favorece relações de poder (nos moldes da relação patrão-empregado), a posse da verdade ou a relação pedagógica sugestiva, de apoio ou orientação, sem levar em conta a possibilidade de o sujeito construir suas próprias respostas. O resultado é que essas pessoas são mais uma vez excluídas, agora por parte daqueles que deveriam escutar não pessoas de uma classe social determinada, mas o sujeito.

Vale ressaltar que um outro efeito, ainda, é aderir à teoria e às formas usuais de trabalho e, sem atentar para outras formas de expressão do sofrimento, interpretar as manifestações do sujeito como resistência ao trabalho ou ausência de demanda em relação ao mesmo. Nesse caso, pode-se passar a diagnosticar o sujeito por sua expressão, apontando pobreza intelectual ou emocional, estrutura psicótica ou perversa, antes de escutá-lo. Detecta-se freqüentemente a utilização defensiva da teoria para reafirmação narcísica do psicanalista/psicólogo e seu gozo de “competência”.

Assim, a pregnância imaginária da miséria e uma suposta distância dos ideais da cultura podem ser um impeditivo para a escuta, para reconhecer o desejo do sujeito na transferência, levando a interpretar como falta de recursos do sujeito a sua negativa de falar, própria de quem precisa assegurar-se do outro antes de levantar alguma pergunta sobre seu sofrimento. Os meninos que “comem luz” desconfiam da estratégia da escuta clínica e podem tomá-la como mais uma estratégia de poder e domínio sobre eles. E questionam, como Adalvan, que reage angustiado com o que está dizendo: *para que você quer saber?* Ou como Tiago, que desafia e, depois de um tempo, explica: *eu não posso dizer estas coisas e continuar a viver como eu tenho que viver*. Na sua fala, uma questão: sem possibilidades de transformar a realidade que vive, é possível viver fora da alienação a uma identidade imaginária? Isso não o tornaria mais vulnerável? Pelo que tenho observado, adiante que não.

Elena Nicoletti<sup>9</sup> indica outros dois riscos nessa situação. Um deles é o de ficar em uma posição de desconhecimento quanto à incidência das coordenadas que tocam a pobreza extrema, e sua conseqüência, na abordagem clínica, é responsabilizar o sujeito pela mesma, supondo uma decisão ali onde há uma lógica de mercado. Outro risco está na vitimização do sujeito, o que dificulta o seu reconhecimento como desejante, capaz de reconhecer-se em suas determinações inconscientes, em seu lugar no desejo do Outro. Cria-se um impasse que pode paralisar o trabalho, gerando no psicanalista, pela identificação, reações de revolta ou, o que é mais freqüente, o desânimo e o confronto com a impotência. Alega-se, então, que este não é um campo para psicanalistas ou psicólogos, que, enquanto tal, não podem fazer nada.

### **Mas, a que serve a resistência?**

O que observo nesses atendimentos é que a resistência serve para evitar a escuta do sujeito, desse estrangeiro sem pátria de origem. Isto porque essa escuta esbarra no horror do confronto com o estranho, tal como tematizado por Freud, como o encontro com algo estranhamente familiar e conhecido do próprio sujeito, que se alienou pela repressão.<sup>10</sup> O efeito de estranho é provocado quando o reprimido retorna, e torna-se ansiedade. Confrontado com sua própria estrutura fantasmática, sobrevem a resistência e o analista sai do lugar de escuta. Um outro movimento se instala.

A escuta do discurso desses sujeitos fica insuportável, não só pela situação em si ou pelos atos que cometeram, mas porque tomar esse outro como um sujeito do desejo, atravessado pelo inconsciente e confrontado com situações de extremo desamparo, dor e humilhação, situações geradas pela ordem social da qual o psicanalista usufrui - *é levantar*

---

<sup>9</sup> Nicoletti, Elena. "Alojar o desamparo". In *Clínica do Desamparo*. Buenos Aires: Revista Psicoanálisis y el hospital, vol. 17, 2000.

<sup>10</sup> O horror do estranho é a sua condição de estranhamente familiar, conhecida do próprio sujeito, ou seja, "o estranho não é nada novo ou alheio porém algo que é familiar à mente, algo que somente se alienou desta através do processo da repressão" Freud, S. (1919) "O estranho". In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. VII, p. 301, 1972.

# Textura

*o recalque que promove a distância social e permite-nos conviver, alegres, surdos, indiferentes ou paranóicos, com o outro miserável.*

Nestas situações, a escuta supõe *romper com o pacto de silêncio do grupo social* a que pertencemos e do qual usufruímos; usufruto que supõe a inocência, a ignorância sobre as determinações da miséria do outro e a reflexão sobre a igualdade entre os homens, quando, de fato, o que fazemos é excluí-los. Excluí-los e usufruir do gozo da posição imaginária de estar do lado do bem, da lei.

A escuta psicanalítica é, desde Freud, transgressora em relação aos fundamentos da organização social; para se efetivar, implica um rompimento do laço que evita o confronto entre o conhecimento da situação social e o saber do outro como um sujeito desejante. Dessa escuta, principalmente quando o sujeito se revela enquanto tal, como um dizer, não se sai isento - um posicionamento ético e político é necessário.

## **Finalmente, o Sujeito!**

Freud já apontava em “Mal Estar da Civilização”<sup>11</sup> o que constatamos hoje: que a crueldade do homem seria substituída pela crueldade das instituições e que o investimento narcísico predominaria sobre o interesse da comunidade. A falta de gratificação narcísica aliada à exclusão dos ideais e valores do grupo promove um efeito disruptivo na subjetividade.

Esse efeito disruptivo é descrito por Piera Aulagnier como a *quebra do contrato narcísico*, que se estabelece graças ao pré-investimento do *infans* pelo meio, que antecipa o investimento do grupo pela criança, que nele ocupará um lugar independente do veredicto parental. O discurso do meio oferece uma certeza sobre a origem necessária para a dimensão histórica essencial na identificação. Assim, a ruptura no contrato pode ter conseqüências diretas sobre o destino psíquico da criança. Quando a realidade social é responsável pela ruptura, afirma a autora, configurando situações de exploração e exclusão,

# Textura

reforça fantasias de rejeição, ódio, desposseção: “no momento em que o Eu descobre o extra-familiar, em que seu olhar procura dele um sinal que lhe confira direito de cidadania entre os seus semelhantes, ele só pode encontrar um veredicto que lhe nega esse direito, propondo-lhe um contrato inaceitável, uma vez que respeitá-lo implicaria a renúncia, na realidade de seu tornar-se, a ser outra coisa que não uma mera engrenagem sem valor, a serviço de uma máquina, a qual não esconde sua decisão de explorá-lo ou excluí-lo”<sup>12</sup>.

Nesta direção, a consequência da ruptura dos fundamentos do contrato social, aponta Pujó<sup>13</sup>, é a irrupção do *traumático*, tomado aqui como a desorganização subjetiva decorrente da emergência daquilo que está fora do sentido e da significação. O traumático não designa a qualidade de um acontecimento, mas a desestruturante incidência subjetiva daquilo que irrompe por fora de uma trama de saber.

Considero que há especificidades na escuta clínica desses sujeitos. É preciso levar em conta que a exclusão do acesso aos bens, a exclusão dos modos de gozo deste momento da cultura tem como consequência no sujeito um efeito de resto<sup>14</sup>. É importante não confundir esse lugar de resto na estrutura social com uma subjetivação da falta, que promove o desejo. A identificação do sujeito a este lugar de resto, de dejetivo, é um dos fatores que dificulta o seu posicionamento na trama de saber e que vai caracterizar o seu discurso, marcado, por vezes, pelo silenciamento.

A identificação ao lugar de dejetivo na estrutura social está presente no relato de Waldemar, por exemplo, quando relata que saíam à noite, ele (dos 8 anos em diante) e o pai, para buscar no lixão a comida da família, “aventura” marcada por seu medo de lá encontrar restos de pessoas. Na descrição da mãe de Zeca, resta a secreção purulenta e mal cheirosa, resto de uma doença que ele adquirira e que deixara seqüelas na sua fala e na sua

---

<sup>11</sup> Freud, S. (1924). “Mal Estar da Civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. VII, 1972.

<sup>12</sup> Aulagnier, Piera. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, p. 153, 1979.

<sup>13</sup> Pujó, Mario. “Trauma e desamparo”. In *Clínica do Desamparo*. Buenos Aires: Revista Psicoanálisis y el hospital, vol. 17, 2000.

<sup>14</sup> Nicoletti, Elena. “Alojar o desamparo”. In *Clínica do Desamparo*. Buenos Aires: Revista Psicoanálisis y el hospital, vol. 17, 2000.

# Textura



audição. Disso nada lhe fora dito ou explicado, nem tratado pelos médicos ou cuidado pela escola. Uma mula-sem-cabeça, que come os restos deixados pela família, é o que Zeca desenha, desesperançado e conformado, desdenhando também de si mesmo. Sua mãe apresenta-se um tanto distante, dividida entre os cuidados com ele, com os outros filhos, com o trabalho e, principalmente, angustiada com a perda da casa, interdita pela prefeitura, já que se situava na região do esgoto da cidade.

Tais situações requerem prudência na intervenção: abordar as dificuldades como sintoma supõe considerar também sua relação com o real. É preciso ponderar se a carência de recursos biológicos, econômicos, morais está impedindo a elaboração simbólica que poderia dar forma sintomática ao real, e/ou se a simbolização está se operando com os recursos discursivos daquele sujeito, como no desenho citado no exemplo acima. A aposta em dar lugar ao sintoma deve atender às formas pelas quais os sujeitos se apresentam e possibilitar a emergência do singular. Nesta medida, até o terrível consegue ser inserido em um contexto que lhe confira sentido e significação. A lógica do mercado, vale lembrar, é regida por um discurso que inscreve o sujeito em uma determinada posição e a escuta clínica pode, promovendo a articulação da cadeia significante, fazer circular esta posição.

Adalvan, que fugiu de casa, “não sabe porque”, e que perambulou pelas ruas durante toda a infância e adolescência, relata uma experiência angustiante, da qual *nem se lembrava mais*: o incêndio do barraco. Na ausência da mãe, que deixa os filhos trancados sob os cuidados da filha mais velha de 10 anos, um dia o barraco pega fogo e as crianças são salvas por vizinhos. A irmã apanha da mãe, que chega nervosa. Onde estava a mãe, quando ele precisava tanto dela? Ele mesmo responde, aos poucos - trabalhando para sustentar os filhos – e pensar, assim, que foi assistido por ela, faz iluminar algo nele. Adalvan começa a sorrir – nunca sorrira antes, diz.

Assim, antes de pensar em diagnósticos ou estruturas, é preciso escutar o sujeito, esse sujeito que ocupa o lugar de resto na estrutura social, e que está sob condição traumática. Há diferentes formas de evolução frente ao mesmo processo que tende a suprimir sua condição de sujeito, processo de coisificação coletiva que pode, entre outras

# Textura



formas, induzir à submissão cega ou ao fechamento autístico. Diante do impacto traumatizante de uma consciência clara da impotência frente ao Outro consistente e insistente em barrar qualquer acesso à condição de uma lógica fálica e desejante, o sujeito cala-se. Constrói uma barreira sólida e necessária, que tem sua expressão no que chamo de emudecimento do sujeito e de apatia necessária, rompida, por alguns, por reações violentas. Observo nessa suspensão temporária - às vezes da vida inteira, mas temporária e não estrutural - um modo de resguardo do sujeito ante a posição de resto na estrutura social. Uma proteção necessária para a sobrevivência psíquica, uma espera, uma esperança. Penso assim pela facilidade com que, muitas vezes, algumas situações de escuta fazem surgir ali, onde parecia haver apenas vidas secas, o sujeito desejante, vivo.

A escuta que supõe romper barreiras e resgatar a experiência compartilhada com o outro deve ser uma escuta como testemunho e resgate da memória. O relato em si não basta, dado que pode ser apenas a repetição automática que se detém em atualizar o traumático. Também não me refiro ao relato que parece feito para saciar a curiosidade do outro, que passa mais por uma exposição do sofrimento para o deleite do outro, ou da exibição pelo grotesco - como se vê, freqüentemente, na televisão. A escuta psicanalítica supõe, retomo aqui, a presença do outro desejante, em tudo o que ela implica de resistência do analista, usada agora como um contorno, uma borda organizadora do gozo sem limites. Nas histórias de meninos infratores, por exemplo, não suporto ouvir o relato cru de crimes que cometeram. O relato tem, na resistência do analista, o seu limite, o limite do fantasma que suporta o analista e que o norteia para detectar quando o dizer pode ser compartilhado em experiência de um sujeito na história ou quando é puro gozo no sofrimento, o seu próprio ou o do outro.

Em suma, neste trabalho destaquei o jogo imaginário e simbólico que se interpõe, como resistência, na escuta de sujeitos sob desamparo social e discursivo. A pregnância imaginária da miséria e uma suposta distância dos ideais da cultura podem ser um impeditivo para a escuta, para o reconhecimento do desejo do sujeito na transferência, levando à equivocada interpretação de sua forma de se apresentar ou mesmo da negativa de



falar como falta de demanda ou de recursos do sujeito. A escuta psicanalítica é transgressora em relação aos fundamentos da organização social e implica um rompimento do laço que evita a escuta do sujeito do desejo.

A especificidade na escuta clínica desse sujeito é levar em consideração o lugar que ocupa na lógica discursiva do mercado, ou seja, atentar para o lugar de *resto* que esse sujeito ocupa na estrutura social e a suspensão do sentido deste lugar, que o sustenta sob condição traumática. É importante não confundir esse *lugar de resto* na estrutura social com uma subjetivação da falta, que promove o desejo. A identificação do sujeito a este lugar de dejetivo é um dos fatores que dificulta o seu posicionamento na trama de saber e que vai caracterizar o seu discurso, marcado, por vezes, pelo silenciamento. A escuta desses sujeitos pode tanto lhes propiciar dar andamento à articulação significantes, rompendo com identificações imaginárias, como contribuir para elucidar alguns dos efeitos subjetivos do “bom” funcionamento do sistema.

### **De *Vidas secas* a *Eu, tu, eles*.**

Graciliano Ramos tematiza, em *Vidas Secas*, como bem sabemos, o efeito arrasador da miséria. Trago, em contraponto, o recente filme *Eu, tu, eles*<sup>15</sup>, inspirado em outra família nordestina. O filme conta a vida de uma mulher abandonada (*eu*), grávida, sem família, obrigada a abrir mão de seu filho e a sujeitar-se a outro homem (*tu*), numa relação que teria sido, se ela tivesse se “calado”, de escravidão. No entanto, na trama do filme, busca outros meios (*eles*) próprios de fazer valer a dimensão do desejo, melhor defesa contra o gozo do sofrimento.

Assim é também com Adalvan, que, depois que sorriu, logo se apaixonou. Do telhado da Febem, onde vai fazer um conserto, vê, nas frestas de uma janela do presídio feminino vizinho, a sua amada, que lhe acena. Trocam cartas. *Boa moça*, diz ele. Logo vai sair e vem visitá-lo. O que seria do sujeito se não fossem as frestas?

---

<sup>15</sup> Direção de Andruca Waddington. Rio de Janeiro, 2000.

# Textura

Zeca sempre traz coisas no bolso. Antes objeto de gozação dos vizinhos, o bobo, agora faz pulseiras para eles e passa a ir ao atendimento com os bolsos cheios. Depois da bolinha de gude, o estilingue – o que faz com isto? Treinamos na sala. Devagar, meio sem graça, vai me deixando saber. Vem no ônibus, duas horas de viagem, buscando o alvo. Quase não atira... porque que o ônibus balança. O alvo? Bem, as mulheres! Como assim? Ora! Precisa de “alvos” grandes. E vai mencionando sobre o que prefere observar nas mulheres. Aí está Zeca, um menino.

Mesmo nas situações mais adversas, é possível vislumbrar o efeito estruturante e organizador da escuta psicanalítica. Se o sujeito pode resistir, se ele encontra brechas na estrutura social para se manifestar, isso, entretanto, não basta. Para além da constatação dos efeitos subjetivos devastadores da exclusão está a ética e ética implica promoção de modificações nas estruturas sociais e políticas que sustentam essa situação social.